

Coesão dos devedores

dívida externa

O governo da Venezuela divulgou nota ontem, em Caracas, para sustentar que a sua posição quanto às taxas de juros internacionais coincide com a dos outros quatro grandes países latino-americanos — Brasil, Argentina, México e Colômbia. Os presidentes desses quatro países emitiram sábado uma declaração conjunta, na qual classificam como sérias ameaças ao seu desenvolvimento a alta dos juros internacionais e o crescimento do protecionismo.

A declaração venezuelana "não é uma adesão", explicou o embaixador da Venezuela, Ildegar Pérez-Signini, ao repórter Norton Godoy, em Brasília. A Venezuela, de qualquer forma, deverá participar da reunião de chanceleres latino-americanos que debaterá o assunto na primeira quinzena de junho. Jorge Romero, conselheiro político do presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, informou a este jornal por

telefone, de Buenos Aires, que o encontro latino-americano será propositalmente realizado antes da reunião das sete potências industrializadas, de 7 a 9 de junho, em Londres.

A posição argentina favorável a um endurecimento nas negociações com os credores foi reforçada ontem, quando o governo de Alfonsín suspendeu a permissão para que os investidores estrangeiros façam remessas de lucros ou repatriem seus investimentos. A decisão foi tomada por Alfonsín, através de decreto governamental, para manter o nível das reservas do país, atualmente em torno de US\$ 1,5 bilhão.

Além do apoio explícito da Venezuela, o bloco dos devedores latino-americanos ganhou ontem a adesão do Equador, o que alinha em torno de uma causa comum praticamente todos os grandes países do continente. Essa coesão, segundo informa o correspondente deste jornal em



Raúl Alfonsín

Londres, Tom Camargo, foi recebida com um misto de fleuma e aprovação pelos representantes dos principais bancos credores. Todos observam que não vêem nada de intrinsecamente ruim no fato de seus principais devedores conversarem entre si, mas encaram com preocupação a idéia da formação de um verdadeiro bloco de devedores. "O documento exige reflexão", disse Guy Huntrods, do Lloyd's Bank International e vice-presidente do Comitê Asessor.

A idéia de jogar duro, porém, não atemoriza a todos. Outro banqueiro ouviu em Londres disse que, se o governo brasileiro tivesse jogado na negociação dos créditos governamentais, certamente Japão, Inglaterra e Alemanha teriam agido de forma diferente. "E isso seria bom para os bancos, que teriam a garantia adicional de que o programa daria certo no seu todo", acrescentou.

A ação conjunta de devedores teve também repercussões importantes no setor interno. Em uníssono, os líderes do governo na Câmara e no Senado fizeram declarações de apoio a uma pressão enérgica por parte do Brasil. A posição também foi aplaudida pelas lideranças da oposição, mas com a ressalva de que o governo teria demorado demais para assumi-la.

MAI 1984 (Ver página 12)

O Federal Reserve Board (Fed, o banco central dos Estados Unidos) aparentemente suspendeu a política de aperto monetário para não agravar a crise de liquidez do Continental Illinois; o oitavo maior banco do país, que na semana passada recebeu um pacote de ajuda de US\$ 7,5 bilhões. A atitude do Fed está permitindo um afrouxamento temporário das taxas de curto prazo no mercado internacional.

(Ver página 13)

22 MAI 1984